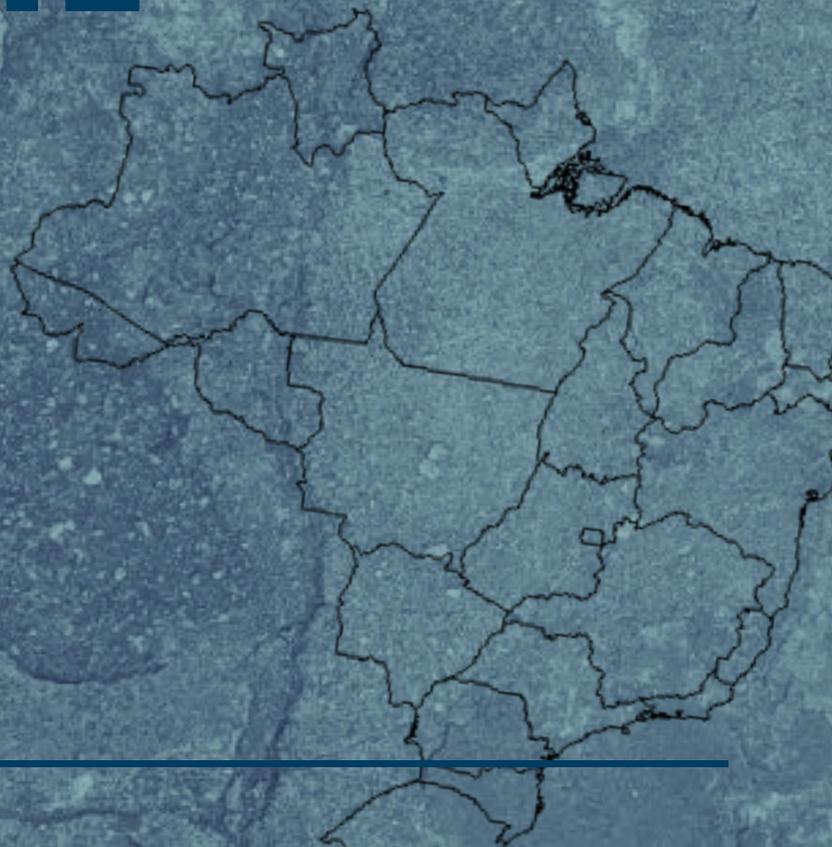


JULHO-SETEMBRO 2020

Nº3
BOLETIM
TRIMESTRAL

**OBSERVATÓRIO
DA VIOLÊNCIA
POLÍTICA E
ELEITORAL
NO BRASIL**



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UniRio
Centro de Ciências Jurídicas e Políticas - CCJP
Escola de Ciência Política - ECP
Grupo de Investigação Eleitoral - GIEL

Coordenação Geral

Felipe Borba

Cientista político e Coordenador do Grupo de Investigação Eleitoral

Equipe de Trabalho

Miguel Carnevale

Bolsista de iniciação científica, CNPq

Lívia Brito

Bolsista de iniciação científica, UniRio

Pedro Bahia

Bolsista de iniciação científica, Faperj

Projeto Gráfico

Potentia Assessoria e Consultoria Política

Financiamento

Fundo Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro - Faperj

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

O Conteúdo desse material pode ser reproduzido total ou parcialmente em qualquer forma e em qualquer meio de comunicação desde que a fonte seja devidamente citada.

Para maiores informações sobre esta publicação, acessar www.giel.uniriotec.br ou enviar correio eletrônico para giel@unirio.br

SUMÁRIO

04

APRESENTAÇÃO

05

OS NÚMEROS DA
VIOLÊNCIA

06

OS TIPOS DE
VIOLÊNCIA

07

AS VÍTIMAS DA
VIOLÊNCIA

09

OS PARTIDOS POLÍTICOS
ATINGIDOS

APRESENTAÇÃO

Na terceira edição do boletim trimestral do Observatório da Violência Política e Eleitoral, apresentamos os casos referentes ao período entre os dias primeiro de julho e 30 de setembro de 2020.

Este período coincide com etapas importantes do novo calendário eleitoral, modificado pela emenda Constitucional nº 107/2020, que, devido à pandemia de Covid-19, adiou o primeiro e o segundo turno das eleições para os dias 15 e 29 de novembro.

Duas datas merecem destaque. O dia 16 de setembro encerrou o período destinado às Convenções Partidárias, quando os partidos deliberam sobre as coligações e a escolha de candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereador. Por conta disso, o nosso boletim passa a integrar a categoria “candidatos” como as novas vítimas da violência.

A segunda data importante é o início oficial da propaganda eleitoral. Desde o dia 27 de setembro, os partidos e candidatos estão autorizados a realizarem uma série de atividades de campanha, como propaganda na internet, distribuição de material gráfico e, principalmente, a realização de comícios, passeatas e carreatas acompanhadas ou não de carros de som.

Nesse novo número, os principais destaques relativos ao terceiro semestre de 2020 são:

- 123 casos de violência foram identificados. Esse é o maior número desde o início da coleta dos dados, em janeiro de 2019, e significa um aumento de 43% em relação ao trimestre anterior.
- Mato Grosso foi a unidade da federação com o maior número de casos (18).
- Não foram encontrados relatos de violência contra lideranças políticas do Amapá, Distrito Federal e Tocantins.
- 17 estados tiveram ao menos uma liderança política assassinada. Pernambuco foi o estado mais violento neste quesito, com sete mortes.
- Os primeiros homicídios contra candidatos aconteceram no dia 24 de setembro. Cassio Remis, candidato a vereador pelo PSDB, foi assassinado em Patrocínio, Minas Gerais. Valter Rafael da Silva, o Valter do Conselho, candidato a vereador pelo DEM, em São José da Coroa Grande, Pernambuco.
- 24 partidos foram atingidos pela violência.

O boletim da violência política e eleitoral é uma publicação realizada pelo Grupo de Investigação Eleitoral da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (GIEL/UNIRIO), com apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

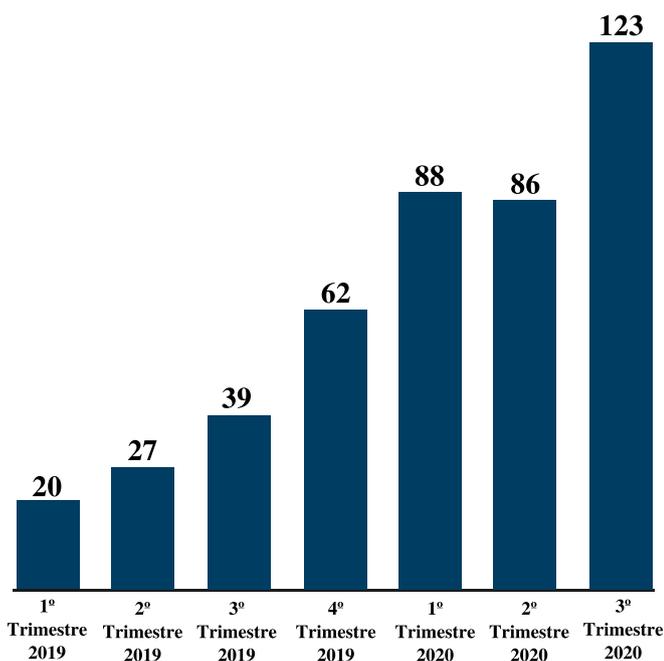
Para conhecer maiores detalhes sobre os objetivos e a metodologia do boletim, convidamos você a visitar a nossa página eletrônica no endereço giel.uniriotec.br.

Contamos novamente com a boa acolhida de nosso boletim pela comunidade científica brasileira e demais interessados. Comentários, críticas e sugestões podem ser encaminhadas para o e-mail giel@unirio.br.

OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA

O terceiro trimestre de 2020 acelerou o número de casos de violência contra lideranças políticas no país. Foram registrados 123 novos casos entre o início de julho e o fim de setembro deste ano. Esse período coincide com a definição das candidaturas e o início oficial da campanha, quando os candidatos estão autorizados por lei para realizarem uma série de atividades para pedir votos. Esse crescimento significa um aumento de 43% em relação ao trimestre anterior.

Gráfico 1: Número de casos de violência contra líderes políticos

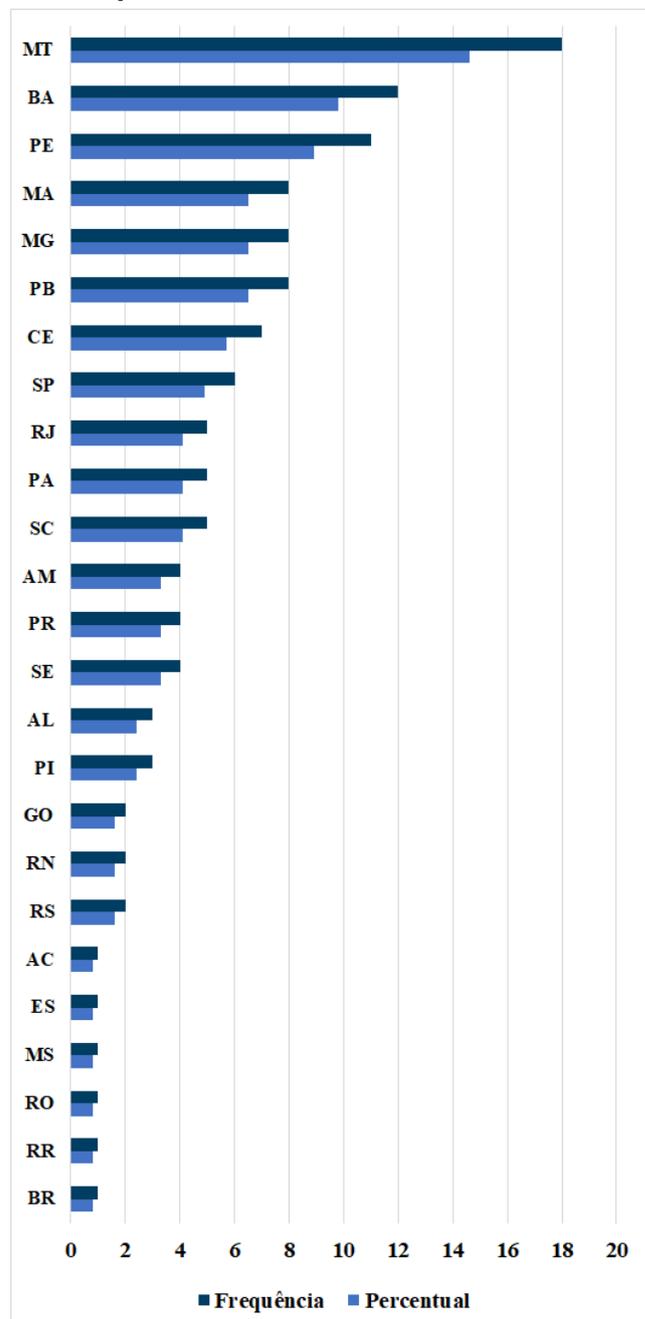


Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Foram registrados casos de violência contra políticos de 24 estados. A região Nordeste lidera novamente as estatísticas de violência, com a ocorrência de 58 casos, cerca de metade do ocorrido no país no terceiro trimestre do ano (47,1%). A região Centro-Oeste vem a seguir, com 21 episódios (17,1%), à frente do Sudeste com 20 (16,3%), Norte com 12

(9,8%) e Sul com 11 (8,9%). Houve um caso de ameaça contra o presidente Jair Bolsonaro e como o seu nível de atuação política é nacional, o seu caso não é computado regionalmente.

Gráfico 2: Violência contra lideranças políticas por Unidade da Federação (3º trimestre de 2020)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Mato Grosso aparece como líder das estatísticas com 18 casos de violência (14,6%), seguido por Bahia com 12 (9,8%) e Pernambuco com 11 (8,9%) casos. Dessa vez, os episódios de violência se alastraram por

praticamente todos os estados do país. No terceiro trimestre de 2020, não foram encontrados relatos de violência contra lideranças políticas do Amapá, Distrito Federal e Tocantins.

No acumulado dos trimestres, entre janeiro de 2019 e setembro de 2020, São Paulo permanece como a unidade da federação com a maior incidência de violência (50 ocorrências), seguido por Rio de Janeiro (45) e Pernambuco (44). Entre os estados menos violentos, destacam-se Acre com três casos e Rio Grande do Norte e Roraima com seis casos cada. Mato Grosso se destaca neste último trimestre porque nove vereadores de Cuiabá registraram boletim de ocorrência na Delegacia de Crimes Virtuais em razão de ameaças sofridas diante da aproximação da votação do relatório paralelo da CPI do Paletó, que pede o afastamento do prefeito Emanuel Pinheiro (MDB) do cargo.

OS TIPOS DE VIOLÊNCIA

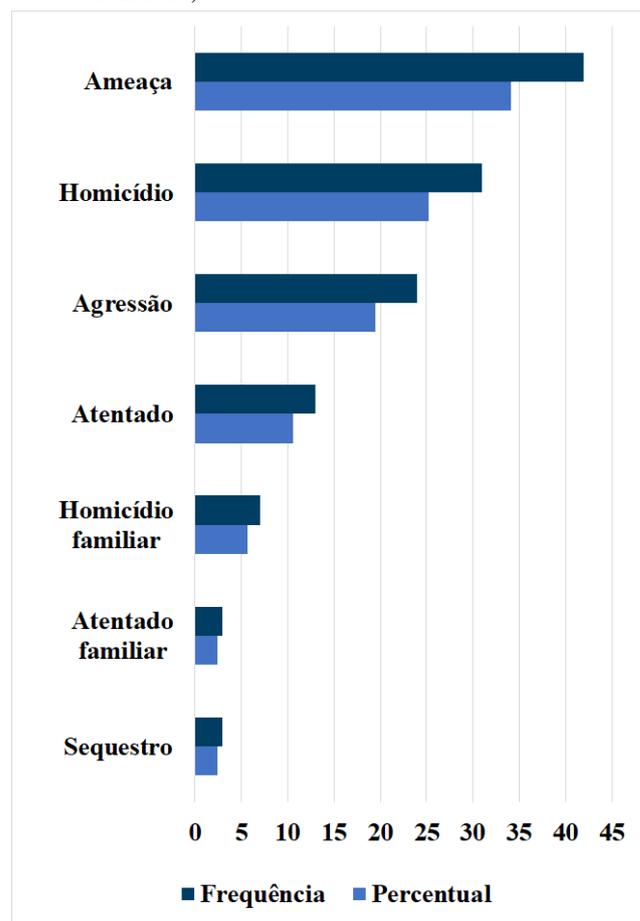
As ameaças foram o principal tipo de violência contra as lideranças políticas e continuam a ser, no acumulado dos trimestres, a categoria de maior incidência. Entre julho e setembro de 2020, foram observadas 42 ameaças, impulsionadas pelos casos contra os vereadores da Câmara de Cuiabá.

Os homicídios contra lideranças políticas ou contra seus familiares seguem em alta e as duas categorias juntas somam 38 dos episódios de violência no terceiro trimestre de 2020 (30,9%). Em seguida aparecem as agressões com 24 casos (19,5%) e as tentativas de assassinato, com 13 (10,6%).

Os tipos de violência variaram entre as diferentes regiões e estados no terceiro trimestre de 2020. Nordeste e Centro-Oeste concentraram 76,2% dos

casos de ameaças. Destaque para Mato Grosso com 12 ocorrências (como mencionado anteriormente) e Ceará e Bahia, com cinco cada. Outros dois estados que se sobressaem são Paraíba com quatro ocorrências e Sergipe e Minas Gerais com três.

Gráfico 3: Tipos de violência contra lideranças políticas (3º trimestre de 2020)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Os homicídios, contra lideranças políticas ou seus familiares, ocorreram em 17 dos 27 estados brasileiros. O Nordeste liderou com 16 mortes (41%), quase a metade de todos os homicídios ocorridos no trimestre. Pernambuco é o estado com o maior número de assassinatos políticos (sete), seguido por Maranhão, Minas Gerais e Pará, com quatro cada. Paraná merece destaque pela ocorrência de três homicídios.

O Nordeste lidera também os números de agressões. No terceiro trimestre de 2020, 41,7% delas

aconteceram entre lideranças dos estados nordestinos. No entanto, Mato Grosso foi o estado mais violento neste quesito, com quatro ocorrências (16,7%). Bahia, Maranhão e São Paulo aparecem a seguir, com três casos cada.

Tabela 1: Os Tipos de Violência contra Lideranças Políticas por Estados (3º trimestre de 2020)

	Agressão		Ameaça		Atentado/ Atentado familiar		Homicídio/ Homicídio familiar		Sequestro	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
AC			1	2,4						
AL	1	4,2	1	2,4			1	2,6		
AM	2	8,3					2	5,3		
BA	3	12,5	5	11,9	3	18,7	1	2,6		
CE			5	11,9	1	6,3	1	2,6		
ES							1	2,6		
GO							2	5,3		
MA	3	12,5	1	2,4			4	10,5		
MG	1	4,2	3	7,1			4	10,5		
MS							1	2,6		
MT	4	16,7	12	28,6	2	12,5				
PA					1	6,3	4	10,5		
PB	1	4,2	4	9,5	3	18,7				
PE			1	2,4	2	12,5	7	18,4	1	33,3
PI	1	4,2					2	5,3		
PR	1	4,2					3	7,9		
RJ	1	4,2	1	2,4	1	6,3	2	5,3		
RN					1	6,3			1	33,3
RO							1	2,6		
RR							1	2,6		
RS	1	4,2			1	6,3				
SC	1	4,2	2	4,8	1	6,3	1	2,6		
SE	1	4,2	3	7,1						
SP	3	12,5	2	4,8					1	33,3
BR			1	2,4						

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

As tentativas de assassinato ocorreram em 10 estados, com novo destaque para o Nordeste, que concentrou 62,5% dos atentados. Bahia e Paraíba foram os estados com o maior número de atentados. Em relação aos sequestros, houveram ocorrências em três estados: Pernambuco, Rio Grande do Norte e São Paulo, com um em cada.

AS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Com a definição das candidaturas e o início oficial das eleições, os pré-candidatos e os candidatos passaram a ser junto com as lideranças políticas eleitas as vítimas preferenciais da violência. Entre o início de julho e final de setembro, 54 políticos com mandato (43,9%) e 53 postulantes a cargos públicos (43,1%) foram vítimas de episódios de violência. Esses dois grupos são seguidos por candidatos derrotados em outras eleições (5,7%), pelos políticos atualmente sem mandato (4,9%) e os funcionários da administração (2,4%).

É importante esclarecer que, em algumas situações, o mesmo político ocupa um cargo eletivo e concorre simultaneamente a um cargo público de prefeito, vice-prefeito ou vereador. É o caso, por exemplo, do deputado federal Vitor Valim (PROS) que é candidato a prefeito na cidade de Caucaia, no Ceará, e foi vítima de intimidação em ato de pré-campanha. Em situações do tipo, optamos por classificar as lideranças como pré-candidatas ou candidatas.

Tabela 2: Perfil Político das Vítimas (3º trimestre de 2020)

Cargo	N	%
Presidente	1	0,8
Governador	2	1,6
Deputado federal	4	3,3
Deputado estadual	2	1,6
Prefeito	7	5,7
Vice-prefeito	3	2,4
Vereador	35	28,5
Total Políticos	54	43,9
Funcionário da administração estadual	1	0,8
Funcionário da administração municipal	2	1,6
Total funcionários da administração	3	2,4
Ex-prefeito	2	1,6
Ex-vereador	3	2,4
Ex-vice-prefeito	1	0,8
Total ex-políticos	6	4,9
Ex-candidato deputado estadual	1	0,8
Ex-candidato vice-prefeito	1	0,8
Ex-candidato vereador	5	4,1
Total ex-candidatos	7	5,7
Pré-candidato prefeito	10	8,1
Pré-candidato vice-prefeito	3	2,4
Pré-candidato vereador	25	20,3
Candidato prefeito	3	2,4
Candidato vereador	10	8,1
Candidato vice-prefeito	2	1,6
Total candidatos	53	43,1

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Só no mês de setembro, dois candidatos a vereador já foram assassinados. O primeiro deles, no município de Patrocínio, em Minas Gerais, no dia 24 de setembro. Cassio Remis (PSDB) foi assassinado a tiros após realizar uma *live* em que denunciava uma obra da prefeitura. No mesmo dia, embora tenha chamado menos atenção, também morreu o conselheiro tutelar Valter Rafael da Silva, o Valter do Conselho, que já havia registrado o seu nome como candidato a vereador no município de São José da Coroa Grande, em Pernambuco, pelo DEM.

As lideranças vítimas da violência política continuam predominantemente do sexo masculino (90,3%). Dos 123 casos encontrados, apenas 12 (9,8%) eram mulheres. No entanto, o percentual de mulheres vem subindo desde o começo do ano. Entre janeiro e março, apenas 3,4% das lideranças vítimas de violência eram do sexo feminino. Esse percentual subiu para 7% entre abril e junho até alcançar o seu maior valor no atual trimestre.

Tabela 3: Perfil Social das Vítimas (3º trimestre de 2020)

	Frequência	Porcentual
Feminino	12	9,8
Masculino	111	90,2
18 a 29	6	4,9
30 a 39	35	28,4
40 a 49	40	32,5
50 a 59	30	24,4
60 ou mais	6	4,9
Idade não informada	6	4,9
Fundamental	13	10,6
Médio	30	24,4
Superior	65	52,8
Escolaridade não informada	15	12,2

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

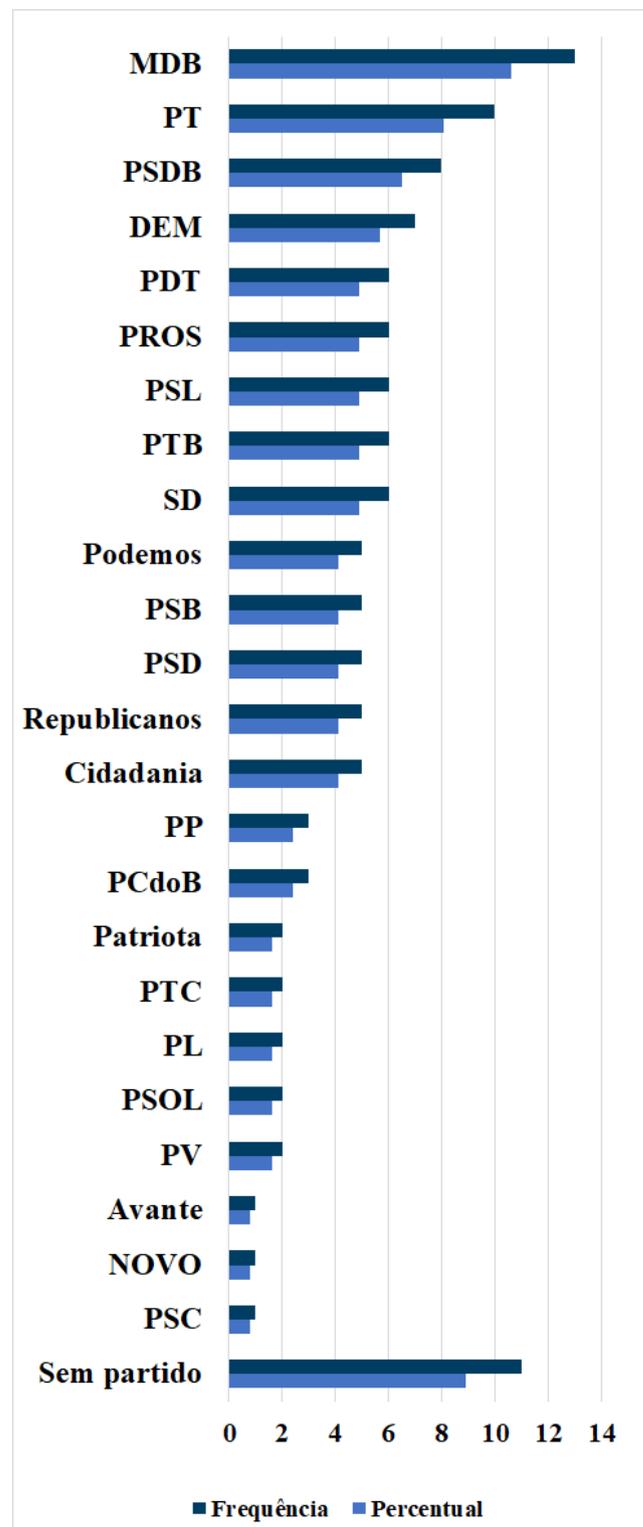
A média de idade das vítimas é 44,6 anos. A liderança política mais jovem tinha 23 anos, e a mais velha, 77 anos. Pelas faixas de idade, observa-se que a maioria dos casos se encontram novamente entre 40 e 49 anos. Não temos informações sobre a idade de seis lideranças.

A maioria das vítimas tinha o ensino superior completo ou incompleto (52,8%), repetindo o padrão observado nos trimestres anteriores. Em seguida, aparecem as lideranças com o ensino médio completo ou incompleto (24,4%) e por último o ensino fundamental completo ou incompleto (10,6%). Não foi possível obter a escolaridade de 15 lideranças.

OS PARTIDOS POLÍTICOS ATINGIDOS

Lideranças de 24 partidos foram vítimas no terceiro trimestre de 2020. Dessa vez, a violência se expandiu para partidos de todos os espectros ideológicos e não ficou concentrada em partidos considerados de centro, centro-direita e direita como nos trimestres anteriores. O MDB se mantém como a principal vítima, com 13 lideranças (10,6%) atingidas, seguidos pelo PT com 10 (8,1%) e PSDB com 8 (6,5%). Do total, 11 lideranças não tinham filiação partidária no momento da violência ou não foi possível identificar o partido.

Gráfico 4: Filiação partidárias das vítimas (3º trimestre 2020)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

